

Retórica e agudeza no *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, de Padre Antônio Vieira¹

Rhetoric and sharpness in the Sermon on Ash Wednesday, by Father Antônio Vieira

SIVALDO FERREIRA DE SOUZA

Graduando de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

E-mail: e-mail: sivaldosouza1000@gmail.com

Resumo: Percebe-se, no *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, de Padre Antônio Vieira, uma construção muito retórica em relação ao discurso e uma extrema agudeza entre a semântica de termos que se distanciam. Nesse sentido, uma análise para explicitar esses fenômenos se faz indispensável no que concerne à ciência literária, pois o autor é um dos maiores nomes do Barroco brasileiro. Logo, será feito um trabalho buscando-se identificar a retórica aristotélica presente no sermão e observar de que maneira ela persuade o leitor/ouvinte acerca das ideias e teses de Vieira, bem como observar a retórica da agudeza trabalhando no mesmo sentido. Para tanto, autores como João Adolfo Hansen (2000) e Wander Emediato (2001) serão indispensáveis.

Palavras-chave: Padre Antônio Vieira. *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*. Retórica aristotélica. Retórica da agudeza. Barroco.

Abstract: It is noticed, in the *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, by Father Antônio Vieira, a very rhetorical construction in relation to the discourse and an extreme sharpness between the semantics of distant terms. In this sense, an analysis to explain these phenomena is indispensable with regard to literary science, since the author is one of the greatest names in the Brazilian Baroque. Then, a work will be done seeking to identify the Aristotelian rhetoric present in the sermon and to observe how it persuades the reader / listener about Vieira's ideas and theses, as well as to observe the rhetoric of sharpness working in the same direction. For this, authors such as João Adolfo Hansen (2000) and Wander Emediato (2001) will be indispensable.

Keywords: Father Antônio Vieira. *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*. Aristotelian rhetoric. Rethoric of sharpness. Baroque.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, escrito por Padre Antônio Vieira no ano de 1672 e proferido na Igreja de S. Antônio em Roma, no mesmo período, tem, como pano de fundo, uma retórica extremamente astuta e é permeado de agudezas que funcionam como elementos persuasivos no sentido de convencer o auditório, ou, neste caso, o leitor, de que há lógica e coerência entre suas ideias e seus argumentos. Logo, por essa perspectiva, o sermão supracitado é passível de estudo literário justamente para que se

¹ Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Literatura Brasileira I, ministrada pelo Prof. Dr. Luís Henrique Carvalho Penido.

possa analisar de que maneira o autor se utiliza da Retórica e da Agudeza para alcançar o objetivo do seu discurso, que é o convencimento e a persuasão acerca de suas teses. Assim, este trabalho propõe a análise do sermão, visando identificar os traços que explicitam a Retórica e a Agudeza dentro do texto e observar de que forma esses elementos contribuem para o convencimento do leitor/ouvinte.

2 DISCUSSÃO E ANÁLISE

Para começar, cita-se aqui a retórica aristotélica, que compreende a seguinte definição “A retórica é a arte da eloquência e o estudo desta corresponde ao estudo do discurso e das técnicas utilizadas para persuadir, manipular ou convencer o auditório” (EMEDIATO, 2001, p. 160). Por essa lógica, o *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, de P. Antônio Vieira, se constrói justamente com a finalidade de persuadir o auditório ou o leitor e convencê-lo de suas ideias. Assim, a Retórica pode ser subdividida e desenvolvida em quatro partes: a *inventio*, que trata da matéria do discurso, da apresentação do assunto, entendido como *topos* ou *lugares comuns* (que trata também de uma noção ou conteúdo que é aceito e creditado pelo leitor/ouvinte) e das ideias a serem trabalhadas, sempre tendo em mente a sua verossimilhança; a *dispositio*, que zela por colocar em ordem o assunto e as ideias propostas por meio da exortação (que é a introdução ao tema), da narração (explicitação dos fatos), da confirmação (apresentação de provas que confirmam ou negam os fatos) e do epílogo (encerramento com o intuito de persuadir o auditório através de um apelo eloquente); a *elocutio*, que consiste em organizar a linguagem do discurso à maneira do orador; e a *actio*, que é a gestualização do discurso, em que a voz e as expressões funcionam como auxiliares para se alcançar determinados efeitos (EMEDIATO, 2001). Veja-se, agora, como esses elementos são explicitados no *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*.

Inicialmente o autor explicita a matéria do discurso partindo de uma leitura da bíblia em que há a ideia de que somos pó e ao pó retornaremos. Mas o questionamento surge quando ele pergunta: “O pó futuro, em que nos havemos de converter é visível à vista, mas o pó presente, o pó que somos, como poderemos entender essa verdade?” (VIEIRA, 2000, p. 55). Nesse sentido, segue-se que o sermão cuidará de buscar o entendimento dessa verdade e, para isso, apresenta a noção de que a Igreja ensina duas coisas: uma é facilmente apreendida, a outra, nenhuma consciência pode alcançar, isto é, somos pó e em pó nos havemos converter; o pó que seremos, este os olhos podem ver, o pó que somos, este os olhos não enxergam. Logo, para a primeira ideia, a de que seremos pó, Vieira exemplifica seu argumento:

Naquelas sepulturas, ou abertas ou cerradas, o estão vendo os olhos. [...] Vamos, para maior exemplo e maior horror, a esses sepulcros recentes do Vaticano. Se perguntardes de quem são pó aquelas cinzas, responder-vos-ão os epitáfios, que só as distinguem: Aquele pó foi Urbano, aquele pó foi Inocêncio, aquele pó foi Alexandre, e este que ainda não está de todo desfeito, foi Clemente. De sorte que para eu crer que hei de ser pó, não é necessário fé, nem entendimento, basta a vista. (VIEIRA. 2000, p. 55-56)

Por conseguinte o autor questiona a Igreja, que, ao mesmo tempo em que ensina que somos pó, também ensina que somos homens, e quanto a isso o autor indaga:

Argumento à Igreja com a mesma Igreja: *Memento homo*. A Igreja diz-me, e supõe que sou homem: logo não sou pó. O homem é uma substância vivente, sensitiva, racional. O pó vive? Não. Pois como é pó o vivente? O pó sente? Não. Pois como é pó o sensitivo? O pó entende e discorre? Não. Pois como é pó o racional? Enfim, se me concedem que sou homem: *Memento homo*, como me pregam que sou pó: *Quia pulvis es?* (VIEIRA, 2000, p. 56)

Assim, Antônio conclui que essa será a matéria do seu discurso, pois que buscará a solução para o dilema apresentado. Perceba-se aqui o aparecimento da *inventio*, a qual visualiza a apresentação da temática e, por conseguinte, o *topos* ou *lugares comuns*, que visa a um assunto que perpassa e é creditado/aceito pelo imaginário coletivo, em que a verossimilhança do conteúdo o torna passível de crença – no caso, um assunto referente ao contexto bíblico. Seguindo, Vieira se utiliza da premissa lógica de que o pó não vive, não sente e não pensa, e, por isso, não podemos ser pó. Visto isso, reverbera-se uma passagem: “para que uma tese consiga a adesão de um auditório, ele necessita, de certa forma, estar em conformidade com as crenças desse auditório ou, a *fortiori*, com o que esse auditório é capaz de admitir como racional” (EMEDIATO, 2001, p. 163). Interessante notar também que, ao mesmo tempo em que acusa a Igreja, o autor defende sua tese, apresentando um dos aspectos da *dispositio*, que é a confirmação, isto é, o padre apresenta provas que confirmam suas ideias. De início já é também visível um pouco da *elocutio*, pois a maneira como Vieira constrói o discurso já revela um pouco do seu estilo (sua poética) e de como será desenvolvido ao longo do discurso.

Nos próximos capítulos do sermão, Padre Vieira continua desenvolvendo as suas ideias no sentido de entender como podemos ser homens viventes e, ao mesmo tempo, sermos pó. Para isso, no capítulo II, ele apresenta outra premissa lógica: “O homem foi pó e há de ser pó, logo é pó, pois tudo o que vive não é o que é, é o que foi e o que há de ser” (VIEIRA, 2000, p. 56). Para comprovar essa ideia, o autor cita um episódio da história do personagem bíblico Moisés, em que este, para provar o seu poder diante do Faraó, tornou a sua vara em cobra e, depois, transformou-a em vara novamente. Segue-se que Vieira, a partir dessa menção, comprova e defende sua tese “Porque tudo o que vive nesta vida, não é o que é: é o que foi e o que há de ser.” (VIEIRA, 2000, p. 56). Perceba-se novamente o discurso passando pelo *topos* e pelo *lugares comuns* (contexto bíblico) e como, através desses elementos, Vieira vai, pouco a pouco, convencendo o leitor/ouvinte dos seus argumentos. Seguindo a lógica, é observável também o aparecimento mais claro da *dispositio*, pois o autor inicialmente passa pela narração – visto que expõe um dos fatos, que, no caso, se apresenta na pergunta: como o homem há de ser pó se é homem? É possível? Ele diz que sim – e logo passa à confirmação, porque apresenta provas de que isso é verossímil (possível) a partir da citação da história de Moisés. Vale notar ainda, nesta passagem, o recurso da agudeza como elemento reforçador da persuasão. Veja-se:

A vara de Moisés, antes de ser serpente, foi vara, e depois de ser serpente, tornou a ser vara; a serpente que foi vara e há de tornar a ser vara não é serpente, é vara: *Virga Aaron*. E verdade que a serpente naquele tempo estava viva, e andava, e comia, e batalhava, e vencia, e triunfava, mas como tinha sido vara, e havia de tornar a ser vara, não era o que era: era o que fora e o que havia de ser: *Virga*. (VIEIRA, 2000, p. 57)

O trecho, reverberando as ideias citadas mais acima, traz, no arcabouço, certa astúcia por parte do autor, pois a todo momento vê-se o texto contrapor a ideia de passado e de futuro; o que foi e o que será; de vara e de cobra. Essa proposição, segundo Hansen (2000), trata-se da Retórica da Agudeza, que se esteia na ideia de aproximar conceitos extremos numa espécie de consonância semântica, isto é, apesar de os conceitos serem antítese um do outro, em algum momento eles se tocam, se correspondem, e é o que Vieira faz por todo o sermão. Note-se ainda que a 'vara', no trecho, assume a figura do pó, e a cobra assume a figura do homem, o que, em certo sentido, pode denotar uma metáfora da própria metáfora se partimos da noção de que o texto em si, quando foi escrito, não tinha o intuito de ser literário, mas sim de criar uma realidade através palavras, dos seus sentidos e das suas ações, pois o seu fim último era convencer o ouvinte/leitor das suas ideias, colocá-los dentro do seu universo para que não restasse nenhuma dúvida de que Vieira estava certo quanto às suas colocações e argumentos.

Citar-se-á agora um último capítulo do sermão para ilustrar novamente como o autor constrói o seu texto seguindo os preceitos aristotélicos sobre o discurso e para corroborar que a linguagem retórica está presente em todo o *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, bem como a engenhosidade da agudeza. O trecho que se segue é do capítulo V, em que o autor discutirá sobre o pó levantado e o pó caído, em que "O primeiro será o momento dos vivos, o segundo o dos mortos." (VIEIRA, 2000, p. 63). Novamente nota-se que a matéria do capítulo, o *lugares comuns* ou *topos* é saber que todos experienciam a vida e a morte, é algo que está no imaginário coletivo do seu público-alvo; nesse sentido, segue-se o argumento de que a vida é aquela que está levantada, e a caída, aquela que está morta. Logo, Vieira cita a história bíblica da estátua de Nabuco, que é uma metáfora para os reinos que virão, se levantarão e cairão, sendo que a cabeça da estátua é de ouro, seus braços e peitos de prata, seu ventre e quadris de bronze, as pernas de ferro e os pés de barro, assim: "Porque se não converte o bronze em pó de bronze e o ferro em pó de ferro? Mas o ouro, a prata, a bronze, o ferro, tudo em pó de terra? Sim. Tudo em pó de terra." (VIEIRA, 2000, p. 64). O que se depreende com essa passagem é que a estátua de Nabuco representava o homem, e o homem será pó e cairá, portanto:

Cuida a ilustre desvanecida que é de ouro, e todo esse resplendor, em caindo, há de ser pó, e pó de terra. Cuida o rico inchado que é de prata, e toda essa riqueza em caindo há de ser pó, e pó de terra. Cuida o robusto que é de bronze, cuida o valente que é de ferro, um confiado, outro arrogante, e toda essa fortaleza, e toda essa valentia em caindo há de ser pó, e pó de terra. (VIEIRA, 2000, p. 64)

Diga-se de passagem que o trecho acima também traz consigo determinada agudeza no sentido alegórico, pois há a associação das personalidades de certos homens com metais preciosos, causando uma espécie de êxtase e de susto no ouvinte/leitor. Tal fenômeno pode ser entendido pela seguinte ideia: “Simultaneamente, a versatilidade do autor sintetiza as semelhanças e diferenças que foram achadas em uma forma nova e inesperada, que causa espanto ou maravilha” (HANSEN, 2000, p. 2). Observe-se agora o autor trabalhando o mesmo argumento – de que não importa se o homem é de ouro, de prata, de bronze; tudo será pó – com uma passagem de Santo Agostinho, para dar um toque de veemência ao sermão:

Abri aquelas sepulturas, diz Agostinho, e vede qual é ali o senhor e qual o servo; qual é ali o pobre e qual o rico? Discerne, si podes: distingue-me ali, se podeis, o valente do fraco, o formoso do feio, o rei coroado de ouro do escravo de Argel carregado de ferros? Distingui-los? Conhecei-los? Não por certo. O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, o senhor e o escravo, o príncipe e o cavador, o alemão e o etíope, todos ali são da mesma cor. (VIEIRA, 2000, p. 65)

É novamente a *dispositio* sendo posta em ação pelo autor numa organização que leva o ouvinte/leitor cada vez mais a crer na sua tese, na sua ideia; afinal, há em todo texto uma espécie de ordem que constrói esse caminho, mesmo parecendo que não, pois que segue a lógica argumentativa “ideia > prova”. Agora, chama-se a atenção para o terceiro ponto, a *dispositio*, que é o epílogo, no sentido de resumir a sua fala e apelar com provas mais irrefutáveis ainda para a total aceitação de sua tese. Veja-se o final do capítulo:

Se quereis ver o futuro, lede as histórias e olhai para o passado; se quereis ver o passado, lede as profecias e olhai para o futuro. E quem quiser ver o presente, para onde há de olhar? [...] Olhai para o passado e para o futuro, e vereis o presente [...] porque o presente é o futuro do passado, e o mesmo presente é o passado do futuro. (VIEIRA, 2000, p. 67)

O mais notável do trecho é a argúcia com que o autor pergunta e, ao mesmo tempo, responde, levando sempre a uma lógica verossímil por meio da agudeza, que aparece bem claramente nesse trecho pelas oposições de passado e de futuro e na relação que os dois estabelecem com o presente. É nesse ponto de eloquência que se encontra também a *actio*, se imaginarmos o sermão de forma oral, sendo falado com essa expressão que atinge o ouvinte e deixa-o ainda mais atento à ideia do discurso por meio dos gestos ou do tom da voz. Logo, esse apelo terá por objetivo último levar o leitor/ouvinte ao convencimento, deixando-o quase constringido diante de tamanha ideia, de tão nobre argumento; pois quem dirá que não faz sentido as colocações feitas por Vieira, mesmo que pareçam metáforas incompreensíveis? Por certo que a retórica tem esse poder, haja vista que “os sofistas [...] instrumentalizando a linguagem para os fins de persuasão, souberam acentuar habilmente a potencialidade do discurso, a dimensão polissêmica da

palavra, e o poder da linguagem [...] a serviço de quem lhes pregava.” (EMEDIATO. 2001, p. 161).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode concluir do *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*, de Padre Antônio Vieira, é que é um texto elaborado com extrema astúcia, pois há de convencer o seu leitor/ouvinte de que suas ideias são verdadeiramente coerentes, o que acaba exigindo de qualquer autor uma capacidade a mais em relação à construção desse tipo de discurso. Cabe lembrar ainda que o texto analisado é da casta religiosa, o que, de certo modo, já passa por um critério de verossimilhança, tendo em mente as suas possibilidades reais e fictícias. Quanto aos aspectos encontrados e discutidos ao longo da análise, há de se concordar que a linguagem realmente tem um poder que age sobre as pessoas quando feita sob a égide da habilidade e do interesse, pois se estes estão alinhados, consequentemente ter-se-á um discurso, no mínimo, sublime. Para encerrar, é preciso notar também que o autor está postulado no período Barroco pela lógica literária, fato que muito explica toda a conjectura por trás do sermão, afinal um dos conceitos que a palavra ‘barroco’ traz em si, segundo Lima (2016), é a ideia de talhar o texto como um ourives, ou seja, esculpi-lo até chegar à forma ideal, e, nesse sentido, ferramentas como a Retórica e a Agudeza funcionam extremamente bem.

REFERÊNCIAS

EMEDIATO, Wander. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

HANSEN, João Adolfo. **Retórica da agudeza**. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 4, p. 317-342, 2000. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73792/77458>.

LIMA; Samuel Anderson. **Gregório de Matos: do barroco à antropofagia**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2016.

VIEIRA; Padre Antônio. **Sermões**. São Paulo: Ebooks Brasil, 2000.